

CIÚME COMPULSIVO PATOLOGICO

PEREIRA, Claudia Carolina

Bacharel e formação em psicologia pela faculdade de ensino superior e formação integral FAEF
e-mail: ccppsico@gmail.com

REIS, Dayran Karam dos

Docente da faculdade de ensino superior e formação integral curso de psicologia
e-mail: dayran@uol.com.br

Resumo

Este artigo apresenta um estudo teórico sobre o ciúme patológico. Traz em seu texto diferenças entre ciúme e ciúme patológico e suas consequências. Contém a revisão da literatura, o histórico do ciúme, breves conceitos de patologia e a visão da Psicologia sobre o assunto

Palavras-Chave: Ciúme. Patologia. Psicologia.

Abstract

This paper presents a theoretical study on pathological jealousy. Bring in your text differences between jealousy and pathological jealousy and its consequences. Contains a review of the literature, the history of jealousy, brief concepts of pathology and psychology of vision on the subject.

Keywords: Jealousy. Pathology. Psychology.

1. INTRODUÇÃO

O ciúme é uma manifestação afetiva muito comum, senão universal, podendo ser difícil a distinção entre ciúme "normal" e "patológico" (SHERPHERD, 1961; SILVA, 1997).

As definições de ciúme são muitas, tendo em comum três elementos: uma reação frente a uma ameaça percebida; haver um rival real ou imaginário; e a reação visando a eliminar os riscos da perda do amor (RAMOS, 1999).

O ciúme consiste em um estado que é despertado por uma ameaça percebida para uma relação ou posição valorizada e motiva comportamento apontado para se contrapor à ameaça (BUSS, 2000).

De acordo com Lemos, (1994), as definições destacadas apresentam alguns elementos comuns. No caso, trata-se de uma emoção (desprazer, estado de apreensão) que é desencadeada por uma situação de ameaça, seja ela real ou não, de perder uma relação ou posição em um relacionamento afetivo, sendo importante ainda destacar que tal emoção tende a “motivar” comportamentos que possam lidar com a ameaça, como apontam Daly, Wilson e Weghorst (1982, apud BUSS, 2000); tal caracterização do ciúme, porém, não estabelece nenhuma diferença entre ciúme “normal” e “patológico”.

2. DESENVOLVIMENTO

O ciúme “normal” é aquele baseado em fatos, enquanto o “patológico” procura fatos e/ou sofre influência de delírios. Enquanto o ciúme “normal” ocorre em relação a uma ameaça real, o ciúme “patológico” “persiste a despeito da ausência de qualquer ameaça real ou provável” (LEITE, 1992, argumentado por PINES 2000).

O ciúme pode ser classificado em três categorias diferentes. A primeira pertence ao ciúme normal, visando a proteger a pessoa de um sentimento maior de angústia; podendo, também, ser vivenciado de forma bissexual, ou seja, além de ter ciúme do parceiro perdido e raiva do rival, a pessoa pode ter também uma atração não reconhecida pelo outro do mesmo sexo (LACHAUD, 2001).

As pessoas, sobremaneira as ciumentas excessivas, podem se pautar, parcialmente, na realidade e colecionar fatos que as conduzam a uma decisão baseada mais na forma distorcida como enxergam a realidade. O que aparece no ciúme patológico é um grande desejo de controle total sobre os sentimentos e comportamentos do companheiro (ZIMERMAN, 2001).

Há, ainda, preocupações excessivas sobre relacionamentos anteriores, isto é, ciúme do passado dos parceiros, as quais podem ocorrer na forma de

pensamentos repetitivos, imagens intrusivas e ruminções sem fim sobre fatos de outrora e seus detalhes (CAVALCANTE, 1997).

Esses sentimentos envolveriam um medo desproporcional de perder o parceiro para um rival (real atual, ex-parceiros, ou mesmo, rivais imaginários), desconfiança excessiva e infundada, o que provoca um significativo prejuízo no relacionamento interpessoal (SILVA, 1996).

O ciúme patológico corresponde a uma preocupação infundada, absurda e emancipada do contexto. Enquanto no ciúme não-patológico, o maior desejo é preservar o relacionamento, no ciúme patológico haveria o desejo inconsciente da ameaça de um rival (CAVALCANTE, 1997).

No ciúme patológico, várias emoções são experimentadas, tais como, a ansiedade, depressão, raiva, vergonha, insegurança, humilhação, perplexidade, culpa, aumento do desejo sexual e desejo de retaliação (LACHAUD, 2001).

A pessoa acometida por ciúme patológico é um vulcão emocional sempre prestes à erupção e apresenta um modo distorcido de vivenciar o amor; pois, para esta pessoa, o quadro que está sendo manifestado é uma contingência obrigatória do sentimento amoroso e, portanto, não passível de crítica (COSTA, 1991).

Essa pessoa com ciúme patológico seria extremamente sensível, vulnerável e muito desconfiado, geralmente portador de auto-estima muito rebaixada, tendo como defesa um comportamento impulsivo. Ainda que o ciúme seja valorizado pelas pessoas como uma forma de demonstrar apreço pela outra pessoa, de fato, para muitos casais, ele vem a ser um grande problema (FERREIRA-SANTOS, 2003).

Rosset (2004), afirma que, uma característica do ciúme bastante observada é o sentimento de frustração que acompanha o indivíduo, devido à sua baixa auto-estima e à sua insegurança. A auto-estima é o sentimento da importância ou valor que a pessoa tem por si mesma, é o auto-respeito e auto-consideração.



PSICOLOGIA

FAIEF - Garça

Revista Eletrônica Científica

No início de uma relação amorosa os indivíduos depositam nela um conjunto de desejos e expectativas, que quase sempre os cegam parcialmente para a realidade. Mas, como se pode pressupor, a paixão é transitória e a relação amorosa, realmente, começa quando se consegue sair de um aparente estado de transe, e encarar a realidade tal como ela é (ALMEIDA, 2007a). Dessa maneira, toda a relação amorosa, a princípio, pressupõe um grau de ciúme saudável, por assim dizer. Nesse sentido, uma total apatia, segundo o que raciocinam muitos casais, pode revelar desinteresse que, para alguns, representa um pesadelo mais indesejável do que ter um parceiro ciumento (FERREIRA-SANTOS, 2003).

Segundo Nogueira (2003), as práticas, as terapias de casais com problemas de ciúme e de suas nefastas conseqüências para os relacionamentos amorosos, muito pouco ou quase nada produzem, e não ofereceram nada de concreto para solucionar este problema. Ainda que o ciúme seja valorizado em uma dimensão social, que acredita que pode ser uma demonstração de amor, na verdade, em muitos casais ele se torna um grande problema.

Para Rosset (2004), o ciúme pode ser benéfico, sobretudo, se ocorre em uma união consistente e provoca um comportamento de aproximação dos companheiros. Entretanto, quando o ciúme excede os limites do bom senso, ele provoca sofrimento para as pessoas envolvidas.

O ciúme pode ser demasiado por várias razões. Em se tratando de relacionamentos de longo prazo, como casamentos, a primeira delas é uma interação matrimonial perturbada. Nesse caso, trata-se de casais que funcionam fundamentados numa psicodinâmica de "estar no controle", entre outros padrões que dão lugar à escalada cada vez maior de crises ciumentas (RODRIGUES, 2005).

A razão para este sentimento são os contratos mal feitos, em que aspectos importantes não são verbalizados, desejos não são explicitados, restrições não são negociadas. Embora, muitas vezes, os parceiros concordem

aparentemente com este "contrato", automaticamente, ele se forma a partir de uma, por vezes, extensa negociação que os componentes desse casal entabulam desde os primeiros encontros (ALMEIDA, 2007b).

Para Rosset (2004), uma outra razão são as dificuldades emocionais particulares de cada um dos parceiros. Indivíduos com sérias deficiências em sua estruturação de personalidade terão menos habilidades para lidar com relacionamentos e com todas as vertentes "perigosas" que existem, como desacertos, rejeições, desavenças. Segundo o mesmo autor, podem, ainda, se sentir perseguidos e traídos, o que alimenta o excesso de ciúme. Para a pessoa que costuma refletir a respeito dos próprios sentimentos, o se sentir dominado pelo ciúme a leva a questionamentos sobre este fenômeno e sua maneira de se relacionar amorosamente (CARTER; MCGOLDRICK, 1995).

Segundo Amélio e Martinez (2005), na questão de ciúme, a linha divisória entre imaginação, fantasia, crença e certeza se torna vaga e imprecisa; os ciumentos, entre outras atitudes, têm comportamentos obsessivos como a confirmação de onde o parceiro ou a parceira está, e se está mesmo com quem disse que estaria, abrir correspondências e ouvir telefonemas, examinar bolsos, bolsas, carteiras, recibos e roupas íntimas. Seguem o companheiro ou a companheira, até contratam detetives particulares para vasculhar o cotidiano dele ou dela. Toda essa tentativa de aliviar sentimentos, além de ser vista como ridícula pelo próprio ciumento, não ameniza o mal-estar da dúvida (BOWEN, 1978).

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da elaboração deste artigo, pude perceber que a maioria dos ciumentos, é constituída por pessoas inseguras, que, por algum motivo, fantasiam traições, não necessariamente o ato da traição, mas sim olhares, gestos, coisas do gênero. Para o ciumento, isso é muito doloroso, ele não sabe distinguir o que é verdade do que é uma grande fantasia.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, T. **Ciúme e suas consequências para os relacionamentos amorosos**. Curitiba: Certa, 2007b.

ALMEIDA, T. **Ciúme romântico e infidelidade amorosa entre paulistanos: incidências e relações**. Dissertação de mestrado não-publicada. São Paulo, Universidade de São Paulo: 2007a.

AMÉLIO, A.; MARTINEZ, M. **Para viver um grande amor**. São Paulo: Gente, 2005.

BOWEN, M. **Family theory in clinical practice**. Nova York: Aronson, 1978.

BUSS, D. **A paixão perigosa: por que o ciúmes é tão necessário quanto o amor e o sexo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.

CARTER, B.; MCGOLDRICK, M. (Orgs.). **As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para terapia familiar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

CAVALCANTE, A. M. **O ciúme patológico**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997.

COSTA, M. **Vida a dois**. São Paulo: Integral, 1991.

FERREIRA-SANTOS, E. **Ciúme: o medo da perda**. São Paulo: Claridade, 2003.

LACHAUD, D. **Ciúmes**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2001.

LE MOS, P. **Educação afetiva: Porque as pessoas sofrem no amor**. São Paulo: Lemos, (1994).

NOGUEIRA, J. A. **Ciúmes: uma nova concepção**. Rio de Janeiro: Papel & Virtual, 2003.

PINES, A. M. **Romantic jealousy - the shadow of love**. *Psychology Today* (1992). 25 (2), 48-55.



RAMOS, A. L. M. ***Ciúme romântico: teoria e medida psicológicas.*** São Paulo: Stiliano (1999).

RODRIGUES, K. R. B.. ***Ciúme: sintoma das crises conjugais.*** Monografia de conclusão de curso não-publicada. Rio Verde (GO): Universidade de Rio Verde, (2005).

ROSSET, S. M. ***O casal nosso de cada dia.*** Curitiba: Sol, (2004).

SHEPHERD M. Morbid jealousy: **some clinical and social aspects of a psychiatric symptom.** J Med Science, 1961. 107:687-753.

SILVA P. Jealousy in couple relationships: nature, assessment and ther py. Behav Res Ther 1997. 35:973-85.

SILVA, T. Regina *et al.*. ***Ciúme: o medo da perda.*** São Paulo: Ática, 1996.

ZIMERMAN, D. ***Vocabulário contemporâneo de psicanálise.*** Porto Alegre: Artmed, 2001. p.69 a 315.